FIESP

DECOMTEC
Departamento de Competitividade e Tecnologia

11º Fórum de Economia – Fundação Getúlio Vargas
O AJUSTAMENTO MACROECONÔMICO QUE SE FAZ NECESSÁRIO

Painel: Que fazer em relação à política industrial?

16 de Setembro 2014

José Ricardo Roriz Coelho
Vice-Presidente da FIESP
Diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia - DECOMTEC

Introdução

FIESP DECOMTEC

- O **ambiente competitivo no Brasil não é favorável à produção industrial**, em boa medida devido à política macroeconômica.
- Isso pode ser sintetizado no **Custo Brasil e sobrevalorização do real, que oneraram o custo de produção da indústria de transformação (IT) brasileira em 34,4% na média entre 2008 e 2013**, quando comparado a dos principais países fornecedores.
- O **fator determinante do insucesso das Políticas Industriais** recentes (não houve **elevação da participação da indústria de transformação no PIB)** não foram seus próprios instrumentos, mas o **ambiente competitivo** como um todo. **Vale frisar que o desempenho recente da indústria poderia ser ainda pior caso não existissem as políticas industriais.**
- Dessa forma, os resultados dos instrumentos de Política Industrial **não podem ser avaliados individualmente** ou desvinculados do contexto do **ambiente competitivo.**

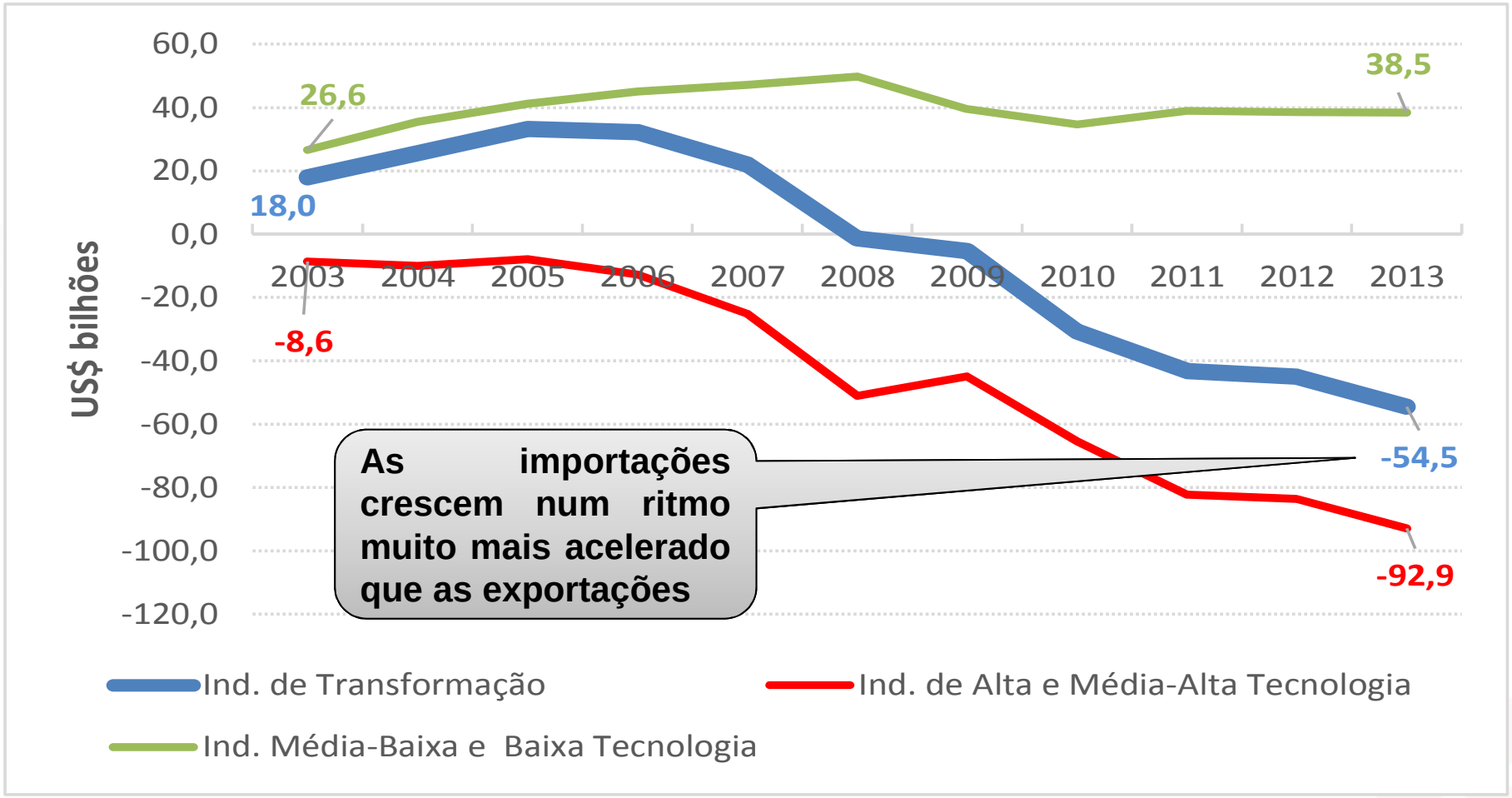
1	Como foi o desempenho da indústria de transformação brasileira na última década?
2	Por que esse período foi ruim? É consequência do Custo Brasil e da sobrevalorização cambial?
3	Qual o esforço da política industrial vs. Custo Brasil e sobrevalorização cambial?
4	Quais devem ser as diretrizes da Política Industrial no Brasil?

1	**Como foi o desempenho da indústria de transformação brasileira na última década?**
2	**Por que esse período foi ruim? É consequência do Custo Brasil e da sobrevalorização cambial?**
3	**Qual o esforço da política industrial vs. Custo Brasil e sobrevalorização cambial?**
4	**Quais devem ser as diretrizes da Política Industrial no Brasil?**

O déficit comercial da indústria de transformação brasileira atingiu o valor recorde de US$ 54,5 bilhões em 2013. Este déficit é concentrado em produtos de maior intensidade tecnológica:

FIESP DECOMTEC

Saldo comercial de bens da indústria de transformação brasileira por intensidade tecnológica, 2003-2013 (em bilhões US$)

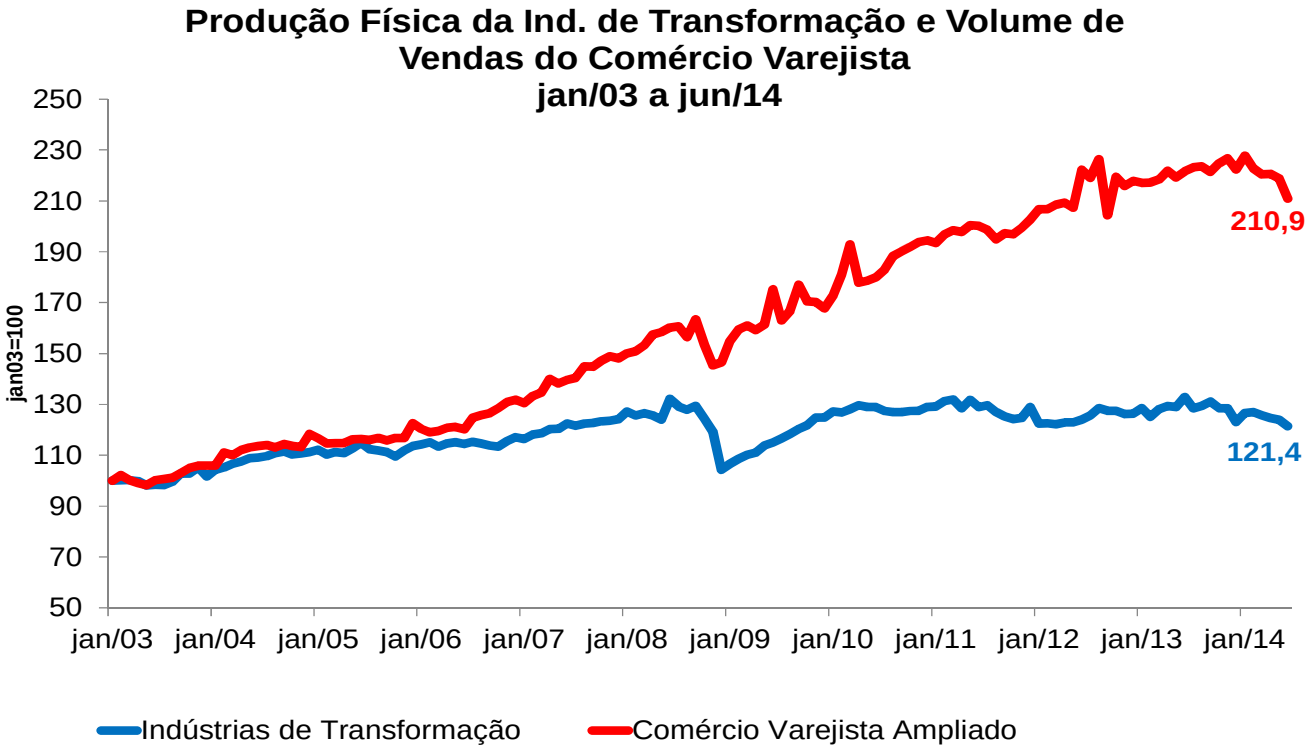


Fonte: MDIC. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

A produção industrial doméstica ficou estagnada em um período de forte expansão do mercado interno ...

FIESP DECOMTEC

- **"Boca do Jacaré":** entre jan/2003 e jun/2014 a produção física da IT cresceu apenas 21,4%, enquanto o volume do comércio varejista ampliado cresceu 110,9%.
- **Sinais de piora**: no 1S14, há retração tanto nas vendas no varejo (-0,8%) quanto na produção da IT (-1,3%).



Fonte: IBGE. Elaboração FIESP/DECOMTEC

Participação dos importados no crescimento do consumo de bens industriais:
2008 e 2010 = 40%
2011 = 100%
2013 = 89,3%

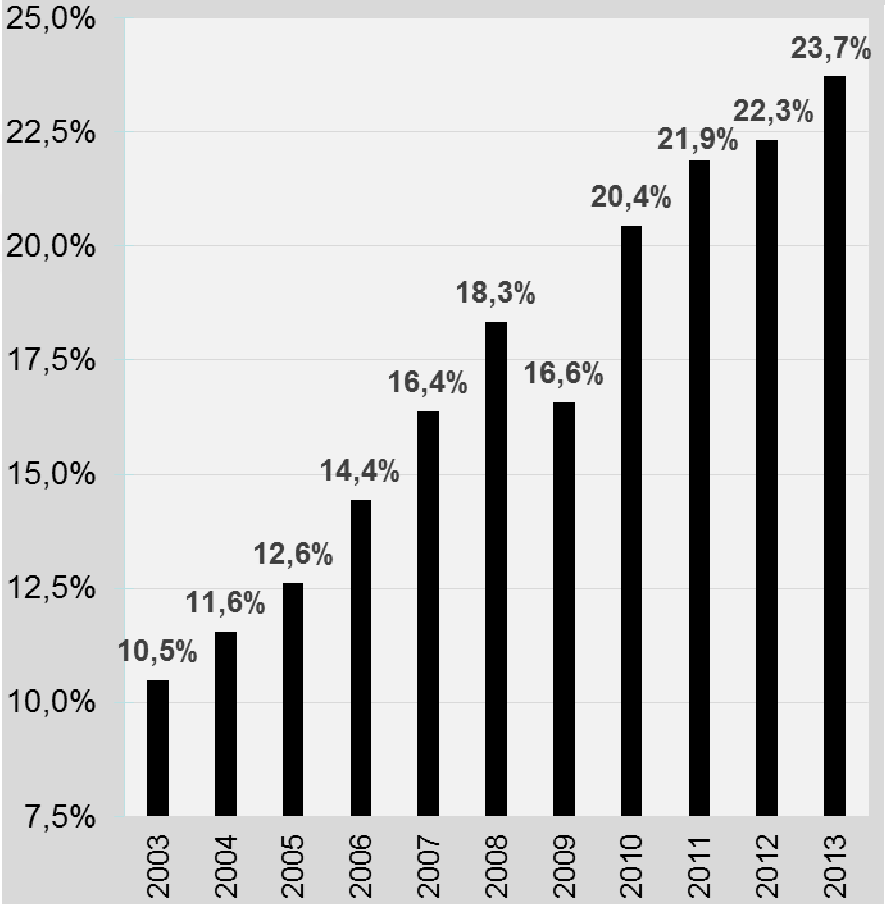
Fonte: Banco Central do Brasil (Relatório de inflação: junho/2012) e Derex/FIESP (Coeficientes de Exportação e Importação, fev de 2014).

... pois as importações têm suprido parcela crescente do consumo aparente de bens industriais. Nos últimos 10 anos, o coeficiente de penetração das importações (CPI) mais que dobrou.

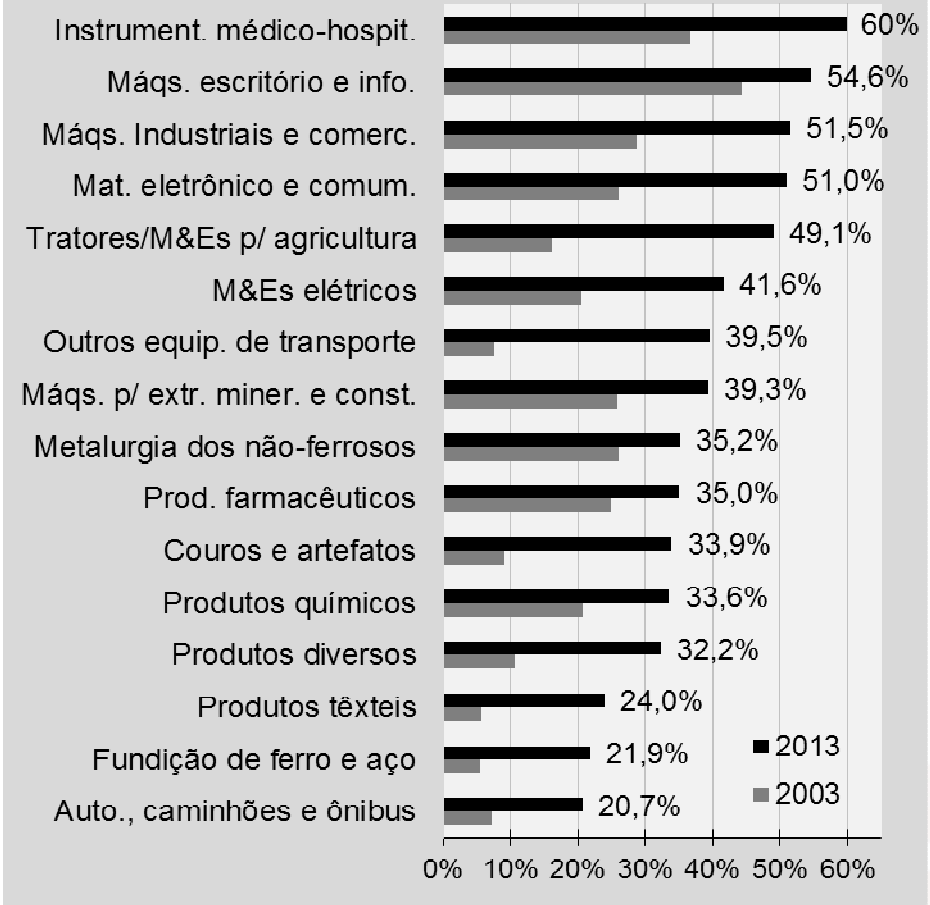
FIESP DECOMTEC

- O CPI tem se elevado rapidamente em vários setores, e em alguns setores de maior intensidade tecnológica ele ultrapassou o nível de 50% em 2013.

Coeficiente de penetração das importações na ind. de transformação brasileira, 2003-2013 (%)



Coeficiente de penetração das importações – setores industriais selecionados, 2003-2013 (%)



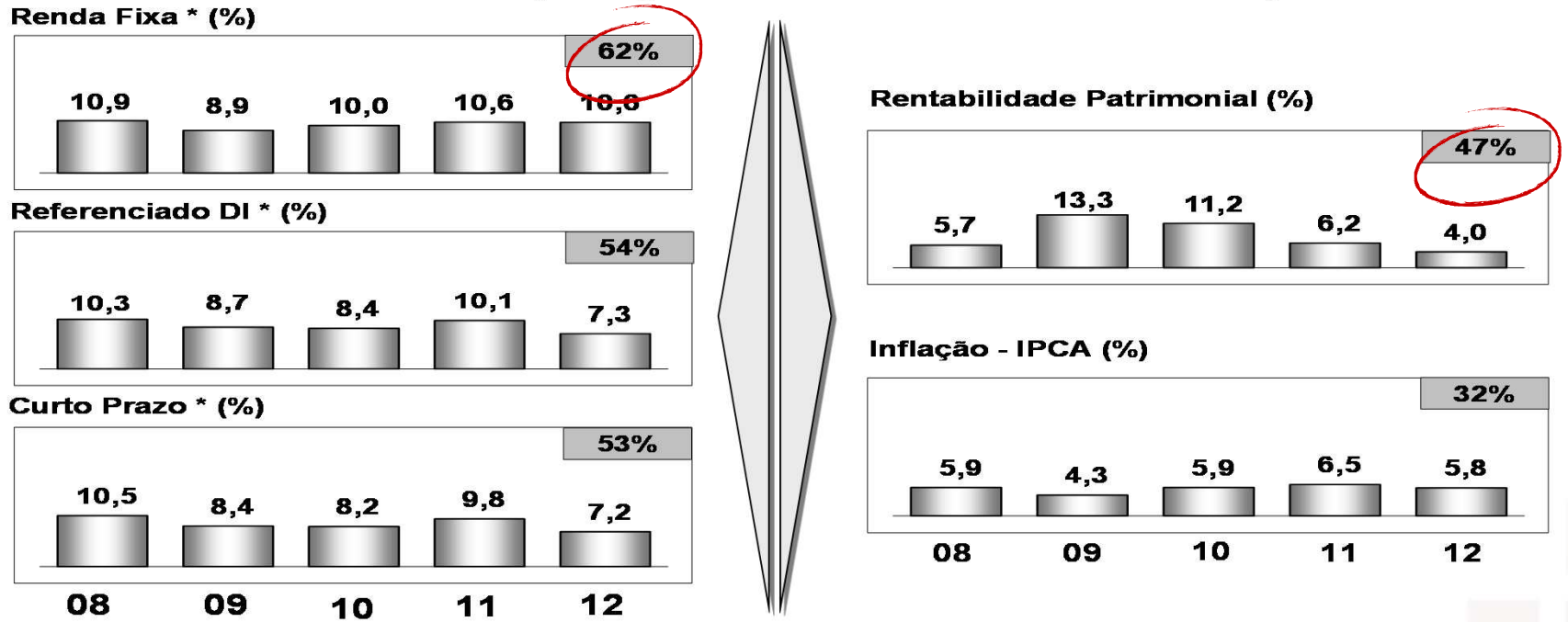
Fonte: DEREX-FIESP.

E o retorno dos investimentos na indústria foi muito baixo:

FIESP DECOMTEC

- De 2008 a 2012, o retorno acumulado da atividade industrial foi de 47%, taxa inferior aos rendimentos do mercado financeiro. Por exemplo, de 62% na Renda Fixa. Ou seja: R$ 1 bilhão investido na indústria rendeu **R$ 469 milhões** líquidos. Na Renda Fixa renderia R$ 624,3 milhões, um **ganho adicional sem risco de R$ 155 milhões.**
- Ainda, a rentabilidade da indústria ficou abaixo da inflação em 3 dos 5 anos da série.

Rentabilidades das Aplicações e do Patrimônio Líquido, 2008-2012

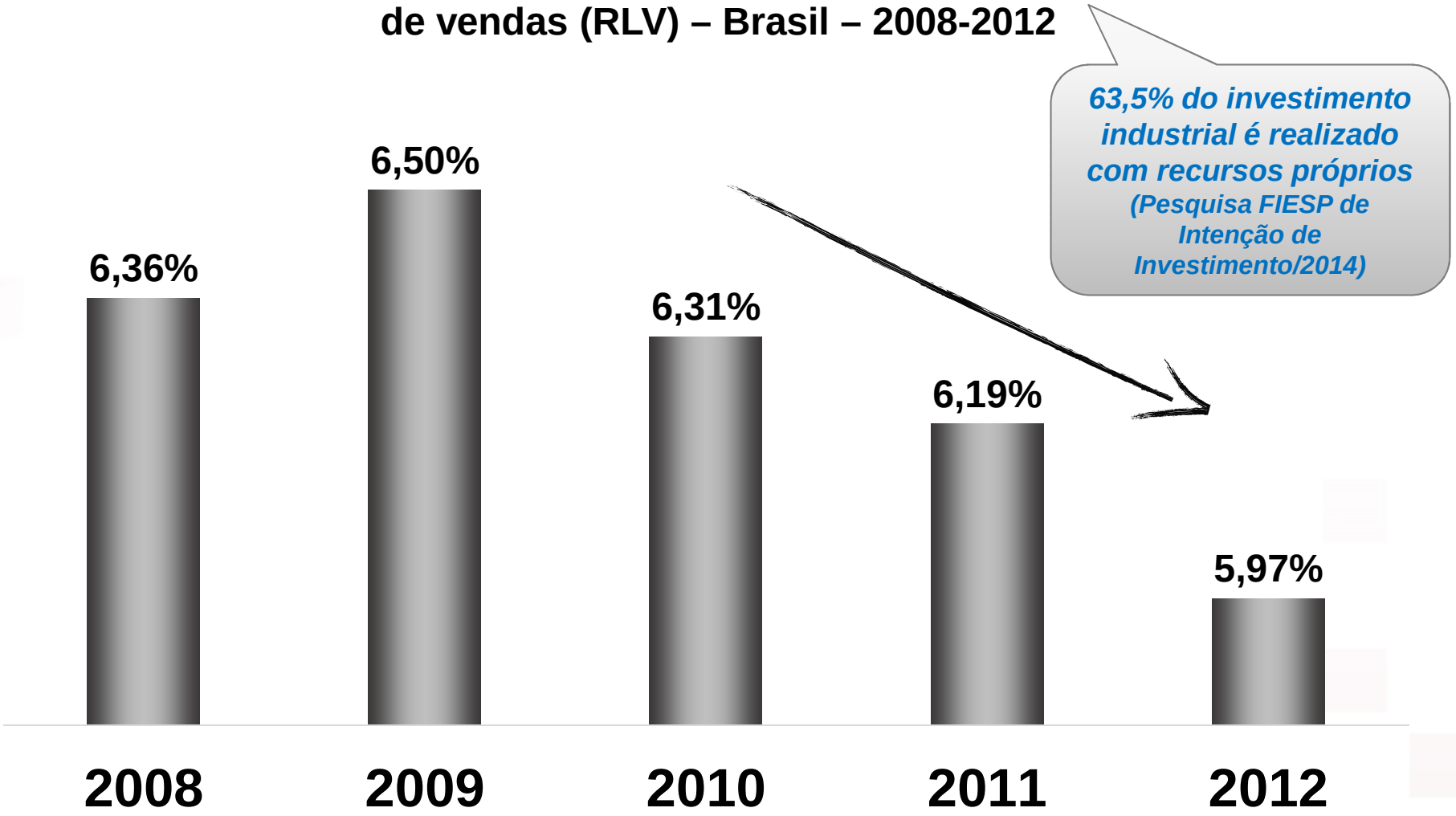


Fonte: ANBIMA; IBGE; Receita Federal do Brasil. Elaboração FIESP. (*) Descontado I.R. de 15%

Baixas expectativas, reduzidos retornos e compressão da margem de lucro têm levado à redução dos investimentos.

FIESP DECOMTEC

Investimentos* da Indústria de Transformação sobre a receita líquida de vendas (RLV) – Brasil – 2008-2012



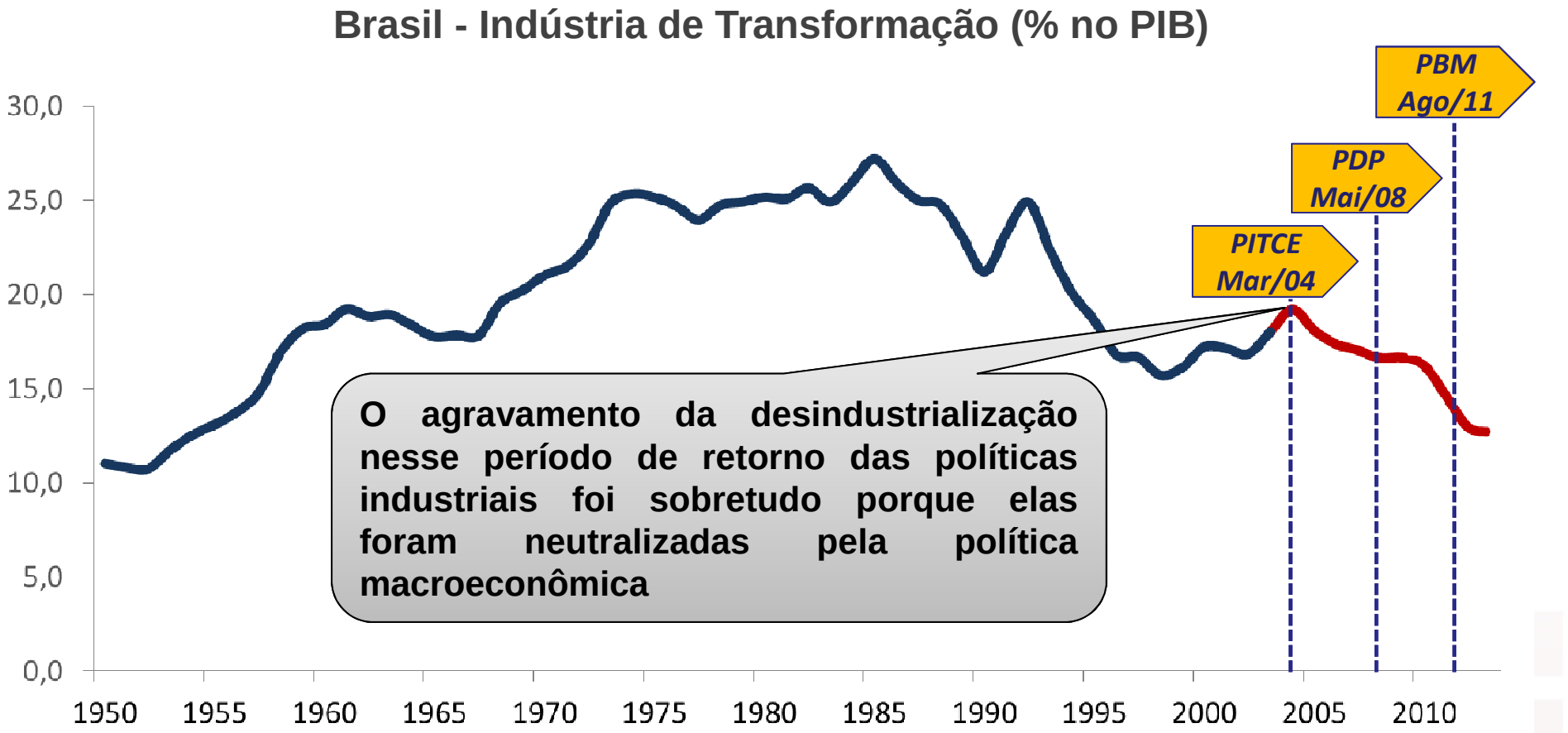
Fonte: Pesquisa Industrial Anual (IBGE). Elaboração DECOMTEC/FIESP

* Investimentos líquidos provenientes da soma entre as aquisições e melhorias, deduzindo-se as baixas.

Desta forma, esse conjunto de fatores mencionados levou à queda da participação da indústria no PIB.

FIESP DECOMTEC

- **Em 2013, a indústria de transformação situou-se a apenas 13,1% do PIB, um dos menores patamares dos últimos 66 anos, atrás dos 13,0% em 2012.**

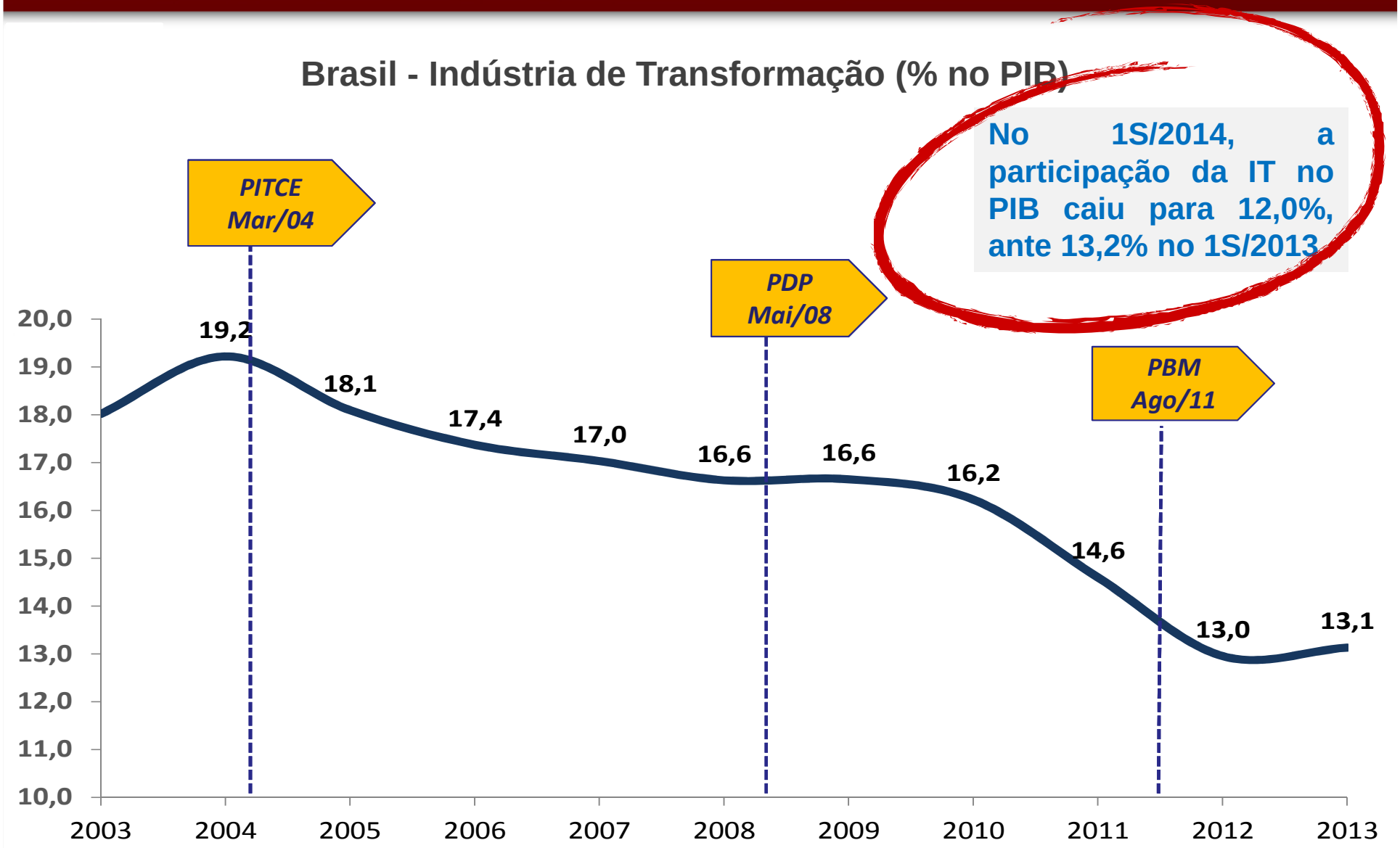


Fonte: IBGE. Elaboração: FIESP/DECOMTEC e FIESP/DEPECON.

Nos últimos 10 anos, a IT perdeu 6,1 p.p. de participação no PIB, recuando de 19,2% em 2004 para 13,1% em 2013.

FIESP DECOMTEC

Brasil - Indústria de Transformação (% no PIB)



Fonte: IBGE. Elaboração: FIESP/DECOMTEC.

1	Como foi o desempenho da indústria de transformação brasileira na última década?
2	**Por que esse período foi ruim? É consequência do Custo Brasil e da sobrevalorização cambial?**
3	Qual o esforço da política industrial vs. Custo Brasil e sobrevalorização cambial?
4	Quais devem ser as diretrizes da Política Industrial no Brasil?

Boa parte das dificuldades que a indústria vem enfrentando tem como origem o elevado custo de produção (Custo Brasil) e a sobrevalorização prolongada do real:

FIESP DECOMTEC

Os componentes do diferencial de preços entre o produto industrializado nacional e o importado dos principais Parceiros comerciais indicam que o Custo Brasil e a Valorização Cambial reduzem a competitividade da indústria de transformação nacional.

Componentes do Custo Brasil com os principais Parceiros Comerciais	Diferencial de Preços (Em %)
1 Custo Brasil	**23,4**
1.1 Tributação: Carga e Burocracia	13,8
1.2 Juros sobre Capital de Giro	4,1
1.3 Energia e matérias primas	3,0
1.4 Infraestrutura Logística	1,5
1.5 Custos extras de serviços a funcionários	0,7
1.6 Serviços *non tradables*	0,3
2 Valorização Cambial	**16,0**
3 Outros componentes*	**-5,7**
Total	**33,7**

Fonte: DECOMTEC/FIESP.

* Compreende os Custos de Importação (Imposto de Importação, fretes e seguros), e a diferença entre a tributação indireta (ICMS, IPI e PIS/COFINS) proveniente da aplicação de fórmulas distintas de apuração entre o produto industrializado no país e o importado e de suas diferentes bases de cálculo.

Boa parte das dificuldades que a indústria vem enfrentando tem como origem o elevado custo de produção (Custo Brasil) e a sobrevalorização prolongada do real:

FIESP DECOMTEC

Os componentes do diferencial de preços entre o produto industrializado nacional e o importado dos principais Parceiros comerciais indicam que o Custo Brasil e a Valorização Cambial reduzem a competitividade da indústria de transformação nacional.

Componentes do Custo Brasil com os ais	Diferencial de Preços (Em %)
	23,4
	13,8
	4,1
	3,0
	1,5
1.5 Custos extras de serviços a funcionários	0,7
1.6 Serviços *non tradables*	0,3
2 Valorização Cambial	**16,0**
3 Outros componentes*	**-5,7**
Total	**33,7**

Em 2012, a ind. de transformação contribuiu com 30,4% para a carga tributária do Brasil, embora representasse apenas 13,0% do PIB.

Fonte: DECOMTEC/FIESP.

* Compreende os Custos de Importação (Imposto de Importação, fretes e seguros), e a diferença entre a tributação indireta (ICMS, IPI e PIS/COFINS) proveniente da aplicação de fórmulas distintas de apuração entre o produto industrializado no país e o importado e de suas diferentes bases de cálculo.

Boa parte das dificuldades que a indústria vem enfrentando tem como origem o elevado custo de produção (Custo Brasil) e a sobrevalorização prolongada do real:

FIESP DECOMTEC

Os componentes do diferencial de preços entre o produto industrializado nacional e o importado dos principais Parceiros comerciais indicam que o Custo Brasil e a Valorização Cambial reduzem a competitividade da indústria de transformação nacional.

Componentes do Custo Brasil com os principais Parceiros Comerciais	Diferencial de Preços (Em %)
	23,4
	13,8
	4,1
	3,0
	1,5
cionários	0,7
1.6 Serviços *non tradables*	0,3
2 Valorização Cambial	**16,0**
3 Outros componentes*	**-5,7**
Total	**33,7**

Em julho de 2014, o spread bancário brasileiro (21,38 p.p.) foi 9,9 vezes maior do que nos países nos quais a comparação é possível (o spread médio da Itália, Japão, Chile, Noruega e Malásia foi de 2,14).

Fonte: DECOMTEC/FIESP.

* Compreende os Custos de Importação (Imposto de Importação, fretes e seguros), e a diferença entre a tributação indireta (ICMS, IPI e PIS/COFINS) proveniente da aplicação de fórmulas distintas de apuração entre o produto industrializado no país e o importado e de suas diferentes bases de cálculo.

Boa parte das dificuldades que a indústria vem enfrentando tem como origem o elevado custo de produção (Custo Brasil) e a sobrevalorização prolongada do real:

FIESP DECOMTEC

Os componentes do diferencial de preços entre o produto industrializado nacional e o importado dos principais Parceiros comerciais indicam que o Custo Brasil e a Valorização Cambial reduzem a competitividade da indústria de transformação nacional.

Componentes do Custo Brasil com os principais Parceiros Comerciais	Diferencial de Preços (Em %)
1 Custo Brasil	**23,4**
1.1 Tributação: Carga e Burocracia	13,8
1.2 Juros sobre Capital de Giro	4,1
1.3 Energia e matérias primas	3,0
1.4 Infraestrutura Logística	1,5
funcionários	0,7
	0,3
	16,0
	-5,7
	33,7

No índice Big Mac, o real estava 22,1% sobrevalorizado em jun/2014. Portanto, neste mês, a taxa de câmbio deveria ser R$ 2,71/US$ ao invés de R$ 2,21/US$.

Fonte: DECOMTEC/FIESP.

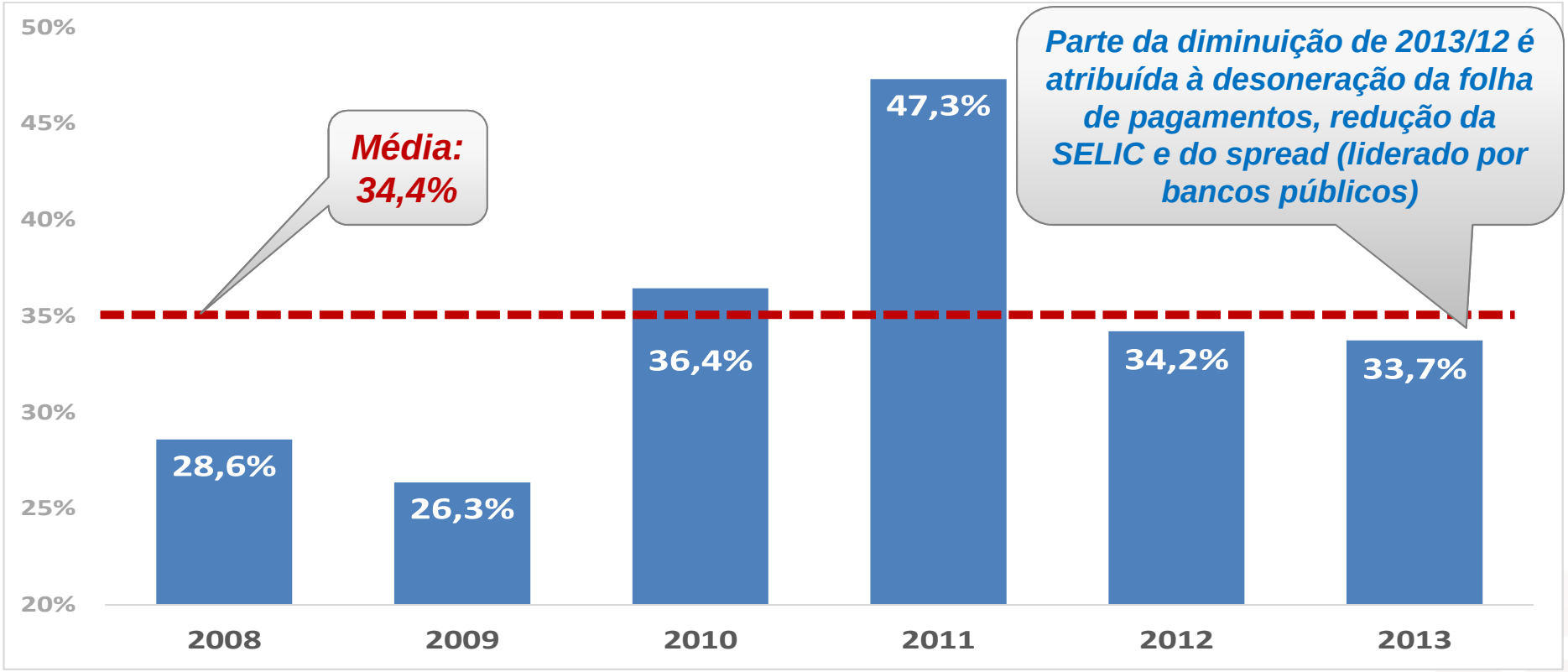
* Compreende os Custos de Importação (Imposto de Importação, fretes e seguros), e a diferença entre a tributação indireta (ICMS, IPI e PIS/COFINS) proveniente da aplicação de fórmulas distintas de apuração entre o produto industrializado no país e o importado e de suas diferentes bases de cálculo.

Em média, entre 2008 e 2013, o Custo Brasil e a sobrevalorização do real oneraram a produção da ind. de transformação brasileira em 34,4%, quando comparada a dos 15 principais países fornecedores*

FIESP DECOMTEC

- O diferencial de preços quantificado variou ao longo do período principalmente devido ao nível de sobrevalorização do real, mas foi sempre foi muito alto, expressando a elevada desvantagem de se produzir no Brasil.

Diferencial de preços internos de produtos nacionais ante importados
(resultado consolidado do Custo Brasil e sobrevalorização do real, em %)



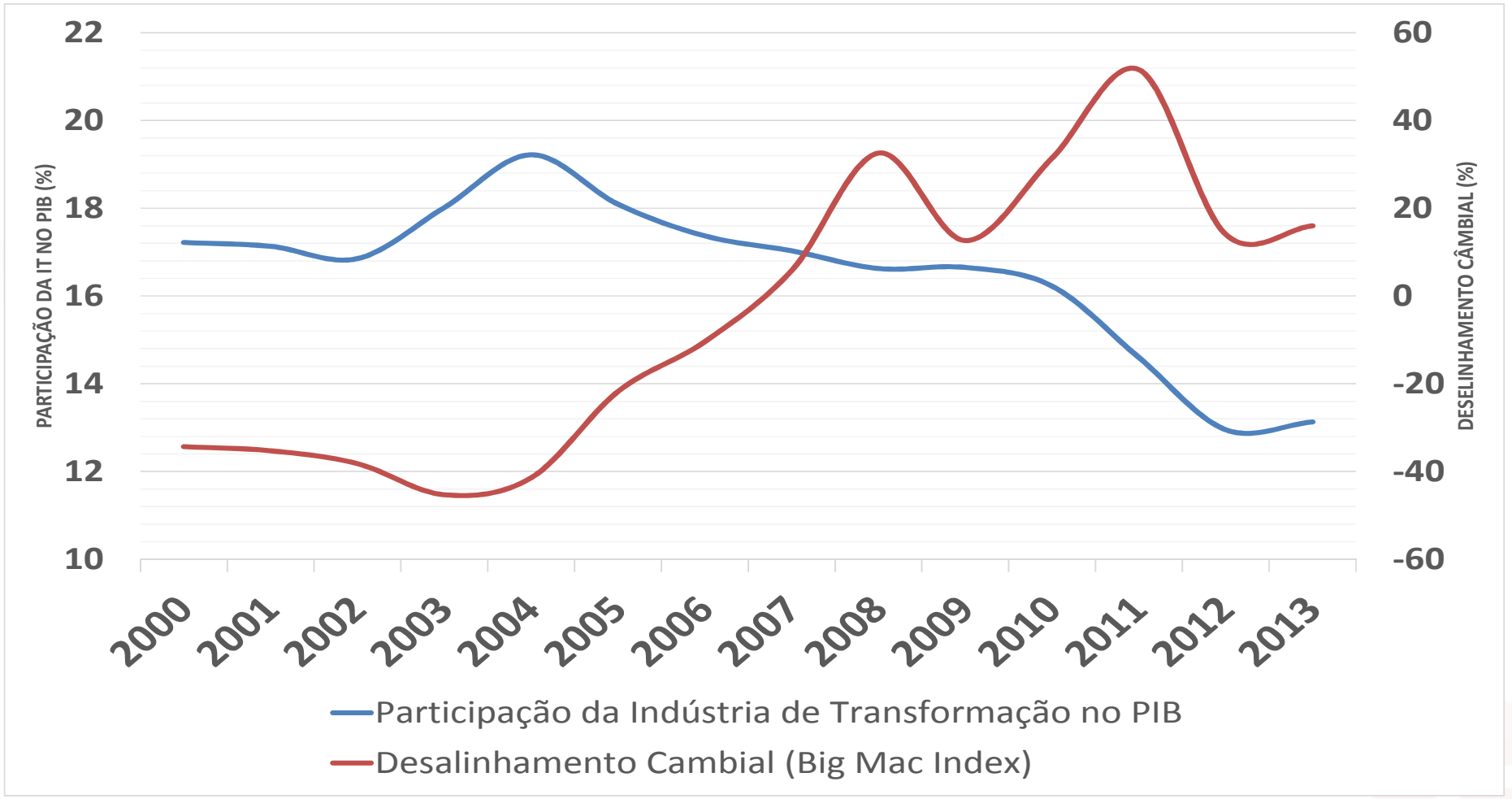
Fonte: FIESP/DECOMTEC.

* Alemanha; Argentina; Canadá; Chile; China; Coreia do Sul; Espanha; EUA; França; Índia; Itália; Japão; México; Reino Unido e Suíça.

Somente no que se refere à taxa de câmbio, sua sobrevalorização prolongada pode explicar boa parte da queda da participação da indústria de transformação no PIB:

FIESP DECOMTEC

Desalinhamento do Real em Relação do Dólar



Fonte: IBGE, The Economist (BIG Mac Index). Elaboração: FIESP/DECOMTEC.

1	Como foi o desempenho da indústria de transformação brasileira na última década?
2	Por que esse período foi ruim? É consequência do Custo Brasil e da sobrevalorização cambial?
3	**Qual o esforço da política industrial vs. Custo Brasil e sobrevalorização cambial?**
4	Quais devem ser as diretrizes da Política Industrial no Brasil?

A renúncia fiscal foi muito significativa?

FIESP
DECOMTEC

IT = 13% do PIB

% da IT no total da carga tributária = 30,4%

IT paga em tributos o equivalente a 10,8% do PIB (Carga tributária da economia = 35,5% do PIB)

Principais Medidas do PBM R$ 8,6 bilhões

~

= 0,55% da Carga Tributária da Economia

0,20% do PIB

=

Reintegra: R$ 3,13 bi
Subsídios do Tesouro ao BNDES e PSI: R$ 3,73 bi
Desoneração da folha de pagamentos: R$ 1,79 bi

A Política de Conteúdo Local (CL) é muito restritiva?

FIESP DECOMTEC

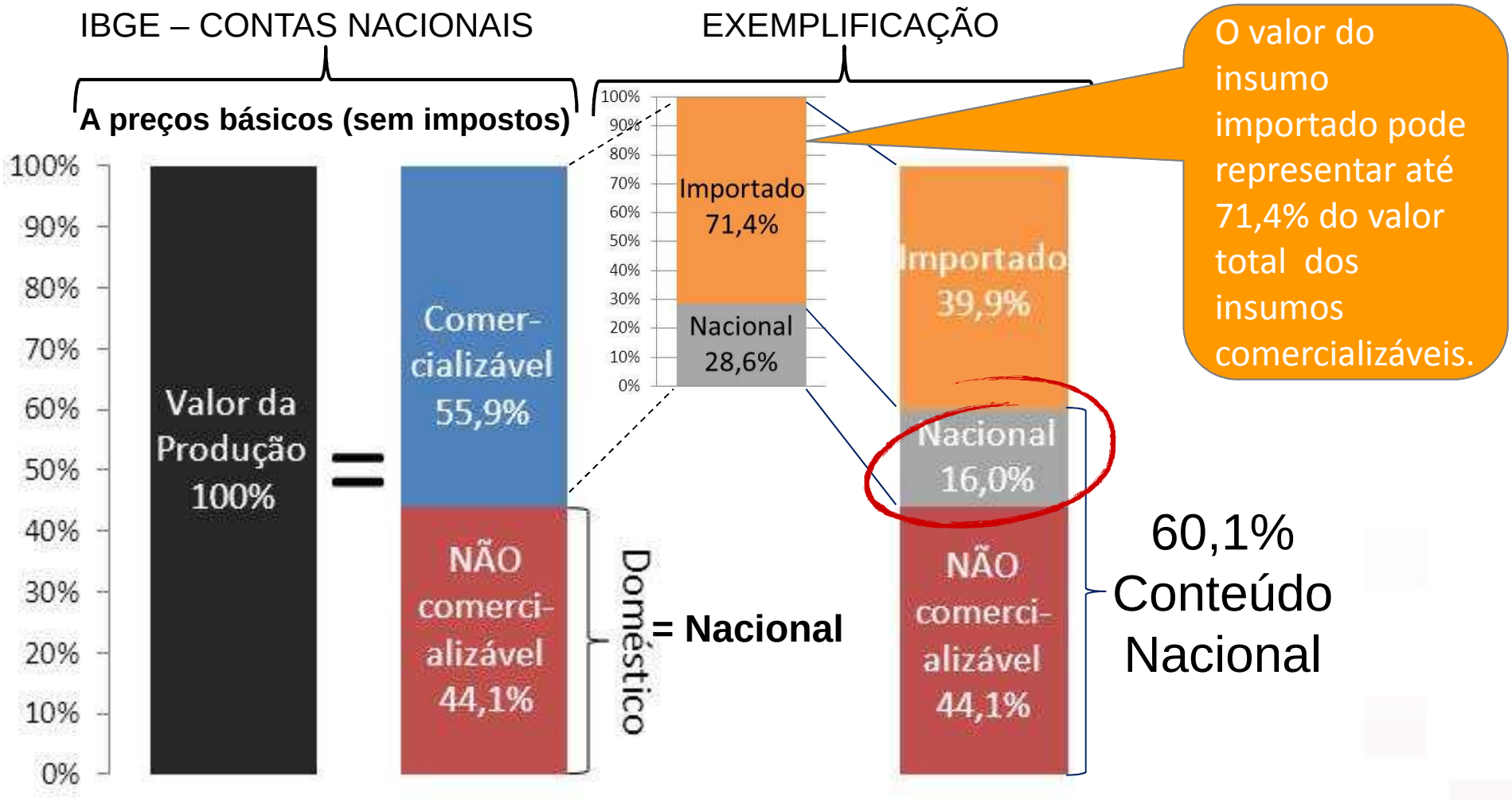
- Na maioria dos programas que possuem CL no Brasil, **o índice de CL exigido é de cerca de 60% do preço de venda do bem.**

- **No entanto**, contam para o cálculo do conteúdo local algumas variáveis, via de regra, **nacionais já de partida**:
  - ✓ Alguns **tributos;**
  - ✓ **Margens** de lucro e de transporte;
  - ✓ **Salários** e ordenados; e
  - ✓ **Insumos não-comercializáveis** (por ex. água e energia elétrica, serviços de limpeza, contabilidade, jurídicos, etc.).

- Isso significa que:
  - ✓ considerando a estrutura produtiva da IT brasileira, **apenas 16% do valor total da produção precisa ser de produtos nacionais.**

Estrutura produtiva da IT brasileira e a métrica de aferição do CL:

FIESP DECOMTEC



NÃO Comercializável: valor adicionado (salários, lucros e alguns tributos), água e energia elétrica, serviços de limpeza, contabilidade, jurídicos, entre outros.

Fonte: *Matriz de Insumo-Produto/IBGE. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.*

O elevado Custo Brasil e a sobrevalorização cambial diminuem a eficácia do Conteúdo Local brasileiro

FIESP DECOMTEC

- Atualmente, há relatos **não mensurados** de que alguns fornecedores estão tendo dificuldades para cumprir o índice de CL, dentre outros fatores, porque está muito caro produzir no Brasil (elevado Custo Brasil) e a taxa de câmbio sobrevalorizada torna mais barato o produto estrangeiro.
  - ✓ **Portanto, é difícil produzir no Brasil com <u>preço competitivo</u>.**
- Além disso, ainda é cedo para medir resultados do CL.
- O CL precisa de tempo, planejamento e previsibilidade de demanda para criar expectativas de investimento e desenvolvimento de fornecedores.
- O governo poderia criar incentivos adicionais escalonados (por ex., tributários, financeiros e de subvenção) e exigir contrapartidas de exportação, para as empresas que superassem o CL "peça sobre peça".
  - ✓ Os incentivos deveriam aumentar a medida que se cumprissem metas de exportação e de CL. Estas metas deveriam refletir a realidade da indústria doméstica em termos de fornecimento do momento.

A aplicação da margem de preferência para o produto nacional em compras públicas fere as leis internacionais de comércio?

FIESP DECOMTEC

- ✓ **Estados Unidos** ("Buy American Act", **1933** e "American Recovery and Reinvestment Act", **2009**): onde a margem de preferência para o produto nacional chega a 50% no caso das compras feitas pelo Departamento de Defesa, ou ainda da exigência de que determinados produtos das suas Forças Armadas, sejam 100% produzidos no país;

- ✓ **México** (Ley de Adquisiciones, Arrendamientos y Servicios del Sector Público, de 04 de janeiro de **2000**);

- ✓ **Argentina** (Lei nº 25.551, de 01 de novembro de **2001**);

- ✓ **China** (Lei nº 68, de 29 de junho de **2002**);

- ✓ **Colômbia** (Lei nº 816, **2003**).

Mas, no Brasil

- ✓ **Aplicação do limite de 25% (incluindo adicional de inovação) é muito recente: regulamentada em 02/08/2011, mas efetivada a partir de 2012;**

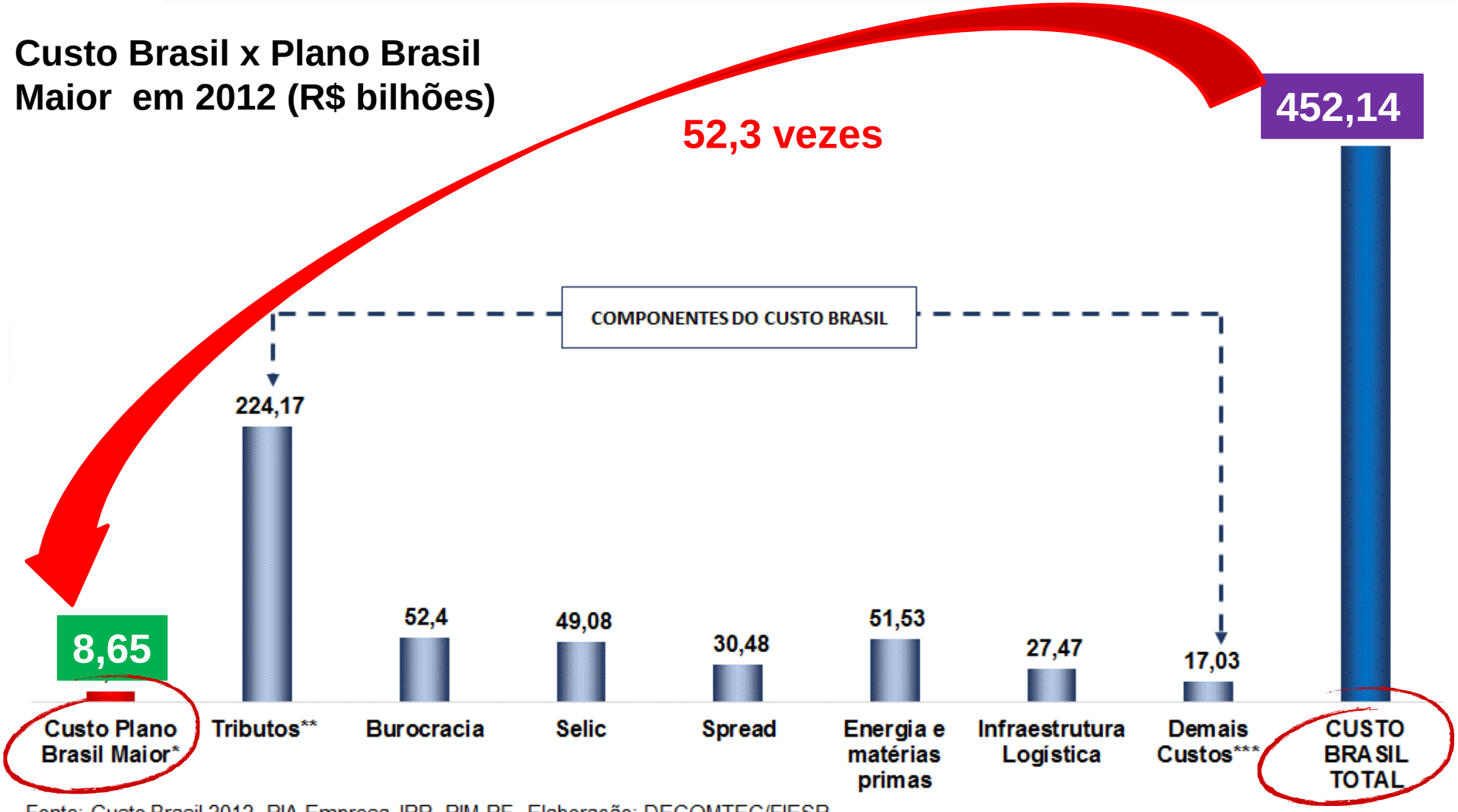
- ✓ **Curtíssimo período de vigência: via de regra até 2015, e até 2017 para produtos médicos e fármacos/biofármacos.**

- ✓ **Em 2013, dos R$ 26,8 bi de materiais adquiridos pelo governo, cerca 10% foi de produto passível de aplicação de margem de preferência.**

Em 2012, o Custo Brasil foi 52,3 vezes maior que os principais benefícios do PBM incidente na ind. de transformação:

FIESP DECOMTEC

Custo Brasil x Plano Brasil Maior em 2012 (R$ bilhões)



Fonte: Custo Brasil 2012. PIA Empresa. IPP. PIM-PF. Elaboração: DECOMTEC/FIESP

* Reintegra: R$ 3,13 bilhões, subsídios do Tesouro ao BNDES e PSI: R$ 3,73 bilhões, e desoneração da folha de pagamentos: R$ 1,79 bilhões.

** Carga e tributos irrecuperáveis

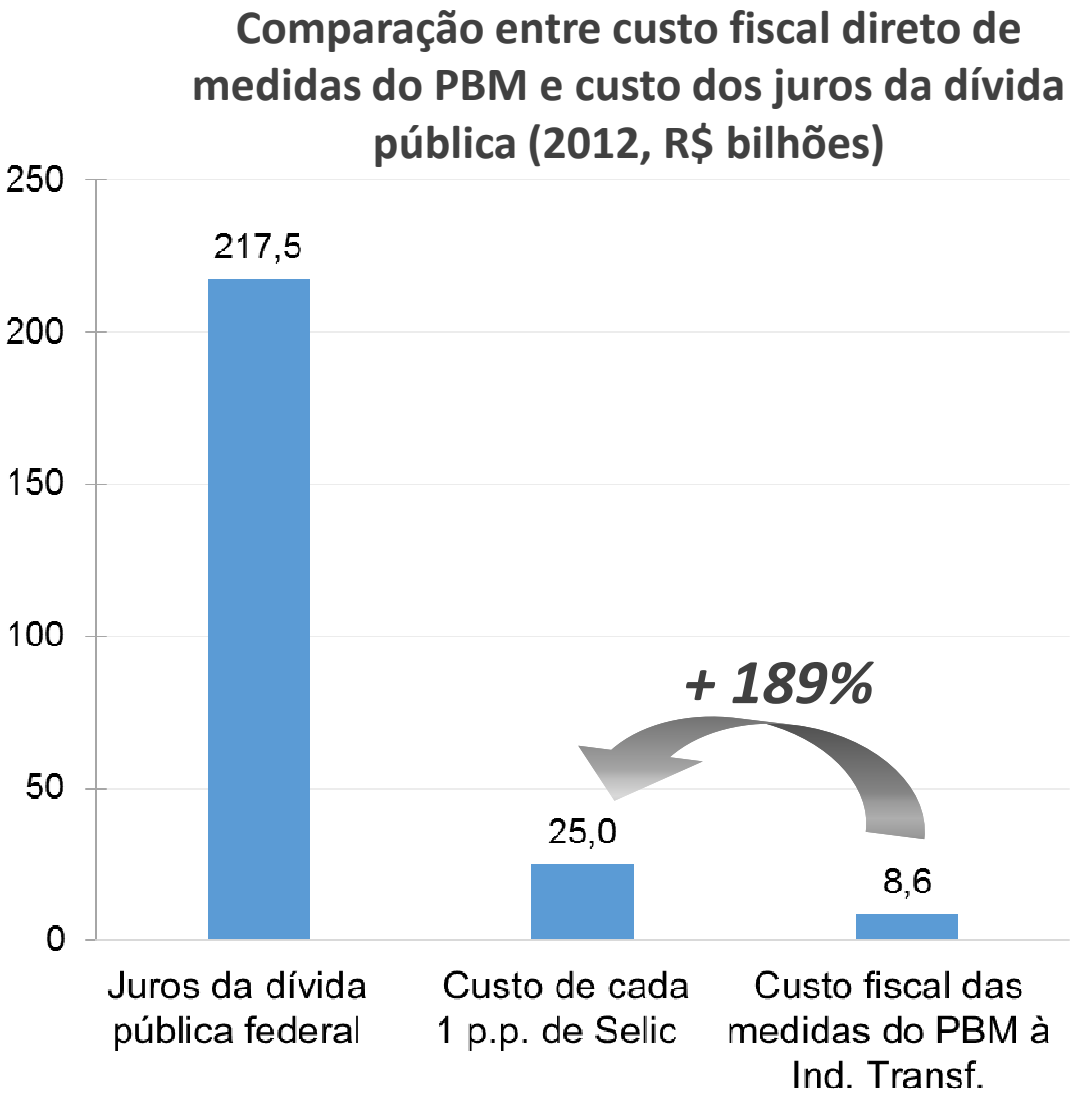
*** Custos extras de serviços a funcionários e Serviços non tradables

Além disso, o argumento de que a retirada da Política Industrial é necessária devido ao seu custo fiscal, é, no mínimo, incoerente:

FIESP DECOMTEC

- Já o **custo de cada ponto percentual da Selic** no pagamento de juros da dívida pública federal foi de **R$ 25 bilhões.**

- Ou seja, 189% maior que o das medidas do PBM dirigidas à indústria de transformação*.



* Reintegra: R$ 3,13 bilhões, subsídios do Tesouro ao BNDES e PSI: R$ 3,73 bilhões, e desoneração da folha de pagamentos: R$ 1,79 bilhões.

Fonte: MDIC, RFB, Min. Fazenda, Banco Central.
Elaboração: FIESP/DECOMTEC.

1	Como foi o desempenho da indústria de transformação brasileira na última década?
2	Por que esse período foi ruim? É consequência do Custo Brasil e da sobrevalorização cambial?
3	Qual o esforço da política industrial vs. Custo Brasil e sobrevalorização cambial?
4	**Quais devem ser as diretrizes da Política Industrial no Brasil?**

Diretrizes para uma Política Industrial efetiva:

FIESP DECOMTEC

- **A Política Industrial precisa**:
  - ✓ **Ser permanente**, ou seja, deve ser uma política de Estado e não de governo.
  - ✓ **Ser aprofundada**, contendo instrumentos mais arrojados.
  - ✓ De um **sistema de governança eficaz**, com ferramentas de controle, acompanhamento e revisão dos instrumentos.
  - ✓ **Melhoria** significativa **na segurança jurídica** dos instrumentos.
- Para que seja uma Política efetiva, **não é suficiente** a Política Industrial **conter metas ambiciosas.**
- As **metas não devem ser restritas aos instrumentos** da Política Industrial, que são, predominantemente, **variáveis "meio".**
- **A principal meta** (meta "fim") deve ser aumentar a **participação da indústria de transformação no PIB.**
- Esta variável é afetada pela Política Macroeconômica. Portanto, **a Política Macroeconômica deve ser consistente com a meta de aumentar a participação da indústria de transformação no PIB.**

DECOMTEC

Departamento de Competitividade e Tecnologia

(11) 3549-4513

cdecomtec@fiesp.org.br